

entrevista transportes rodoviários

[SILVA RODRIGUES PRESIDENTE DA CARRIS]

“Vamos cumprir todos os objectivos do contrato de gestão este ano”

O líder da Carris não tem dúvidas. Este foi um “ano muito hostil”, onde cada cêntimo de aumento no gasóleo custou à empresa 230 mil euros. Apesar disso, a Carris vai melhorar as contas, cumprir as metas do Governo e aproveitar a oportunidade que existe nesta crise **Filipe Paiva Cardoso** filipecardoso@mediafin.pt



Num ano marcado pela alta do petróleo, como estão as contas da Carris?

Estamos agora a fazer a estimativa final para 2008. Sem querer antecipar resultados, devo dizer que este foi um ano muito hostil, por causa do gasóleo, mas, pela análise mensal que fazemos, posso dizer que o resultado operacional real até Setembro é melhor do que até Setembro de 2007. Isto, porém, não chega para que eu diga já, porque o mercado anda muito instável, que vamos ter um resultado operacional positivo. A nossa convicção é que vai ser melhor que em 2007 [22,9 milhões de euros negativos], agora, quanto melhor, não sei.

E o contrato de gestão celebrado com o Estado, vai ser cumprido?

Posso dizer que o contrato de gestão com o Estado vai ser cumprido e a Carris vai honrar os compromissos com o accionista em 2008.

Em todos os indicadores?

Sim, em todos.

Mesmo com a evolução do preço do gasóleo? A meta de custos não falha?

Na altura em que assinámos o contrato, foram estabelecidos um conjunto de pressupostos, sobre os quais dissemos: “Com estes, fazemos isto”. Agora, quando os pressupostos se alteram, olhamos para o que mudou e vemos de que forma influenciaram a empresa.

Para o ano, a Carris vai receber mais 7% em indemnizações compensató-

rias (IC). É o preço a pagar pelo Governo pelo congelamento dos passes?

A IC visa compensar o serviço público prestado, que tem várias componentes – operar rotas não rentáveis ou não sermos nós a estabelecer os preços. Como é sabido, houve um conjunto de decisões tomadas, como o congelamento do preço dos passes ou a criação do 4_18, e, portanto, a IC dá uma resposta de compensação face a este conjunto dos compromissos.

Como avalia o papel do Estado em relação aos transportes?

O Estado tem feito um esforço, que é de sublinhar num quadro de restrição orçamental. Tem dado apoio à Carris e penso que tem sido muito claro na forma como apoia a reestruturação da Carris.

Como se pode quantificar os avanços dessa reestruturação?

O nosso objectivo é ter um transporte cada vez melhor e mais eficiente, produzir mais, gastando menos, e temos sido capazes de o fazer. No desempenho operacional – sem contar com apoio do Estado – temos um ganho real de eficiência a rondar os 30 milhões de euros, é muito significativo. E conseguimos-lo ao mesmo tempo que melhorámos a qualidade do serviço e renovámos a frota em 448 autocarros desde 2004. Tudo isto num cenário em que a rede de metro tem crescido e que há menos gente a viver em Lisboa.

Ainda ao nível do Governo, a medida

”

Setembro foi o nosso melhor mês. Tivemos mais 10% de passageiros, esperemos que seja sinal de mudança.

O resultado operacional vai ser melhor que em 2007, agora, em quanto, ainda não sei dizer.

A reestruturação trouxe até agora um ganho operacional real a rondar os 30 milhões de euros.

de tornar os passes sociais dedutíveis no IRC terá impacto na Carris?

É uma medida muito positiva. Estamos a estudar, para 2009, criar carreiras que liguem as zonas de grande movimentação de pessoas e as empresas, criar produtos novos e também a forma como os vendemos. Temos previsto ter dois agentes de vendas para abordar as empresas, de forma a dar a conhecer as soluções da Carris que podem ser usadas pelos seus trabalhadores. Hoje, as empresas estão preocupadas com o ambiente e a sustentabilidade, e estou convencido que vai ser possível envolver as empresas na promoção, e até financiando, junto dos colaboradores o transporte colectivo. É preciso proactividade. Estou crente que seremos capazes de transformar a crise em oportunidade e angariar clientes para o sector.

Setembro é apontado como o mês onde se notam as mudanças de hábitos de transporte. Houve alterações?

Sim. Estávamos na expectativa de perceber se ia ou não haver uma reformatação da mobilidade, e houve. Foi o nosso melhor mês, com um acréscimo de 10% nos passageiros face a Setembro de 2007, o que reforça a expectativa que tenha havido um reajustamento na mobilidade. Agora precisamos de ver o que se passou em Outubro, cujos dados estamos a coligar, para ver se é consistente. Não duvido que este ambiente de volatilidade nos combustíveis e as dificuldades económicas podem constituir uma oportunidade

de para os transportes. Agora temos que conquistar a procura, de forma a que não seja só conjuntural.

E quanto ao acumulado do ano, estão a transportar mais passageiros?

Não, estamos com menos 0,3%, ou seja, estabilizado. A ligeira redução resultou da abertura de estações de metro e da reabertura do túnel rossio, factos que levaram a um reajustamento da mobilidade.

Sem esses eventos, teriam crescido?

Penso que sim. Este ano tem sido atípico, crescemos nuns meses, caímos noutros. Há uma oscilação muito grande na nossa procura até Setembro e, às vezes, nem percebemos muito bem porquê, não tem racional. Espero terminar o ano com um ligeiro decréscimo ou até algum crescimento, e Outubro e Novembro vão ser importantes para isso.

A Carris conseguiria responder a uma “explosão” na procura a curto prazo?

A capacidade que hoje temos instalada permite responder a um acréscimo de procura sem mais investimentos. A oferta que temos, medida em veículos/hora e veículos/km, tem aumentado de ano para ano, e em 2008 será superior a 2007.

Tendo em conta a queda do preço do petróleo, os passes em Janeiro vão manter o mesmo preço?

A instabilidade ainda é muito acentuada... É uma decisão que caberá ao Governo, e no próximo mês deverá aparecer uma solução.